

Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos

Ana Paula Bornhausen da Silva Bandeira¹

Resumo:

O objetivo principal deste trabalho é utilizar aspectos históricos para abordar aproximações e distanciamentos nos discursos dos chamados jornalismo feminino e feminista. Para encontrar pistas, propomos delimitar os conceitos de jornalismo feminino e jornalismo feminista, assim como discutir temas e abordagens dessas duas segmentações do jornalismo. Ainda que os impressos feministas fossem caracteristicamente voltados à defesa dos direitos e do crescimento intelectual da mulher, o discurso, muitas vezes, reforçava o papel da mulher enquanto mãe, esposa e dona de casa – característica que aproxima o jornalismo feminista de muitas das publicações do jornalismo feminino.

Palavras-chave: jornalismo feminino, jornalismo feminista, mulher, discurso, história do jornalismo.

Abstract:

The main goal of this paper is to use historical aspects to discuss similarities and differences in the speeches of so-called feminine and feminist journalism. To find clues, we propose to define the concepts of female journalism and feminist journalism, as well as discuss issues and approaches of these two segmentations of journalism. Although the feminist publications were typically aimed to protecting the rights and intellectual woman growth, the speech often reinforced the role of the woman as a mother, a wife and a homemaker - a characteristic that approximates the feminist journalism to many publications of female journalism.

Keywords: female journalism, feminist journalism, woman, speech, journalism history.

Artigo recebido em: 15/10/2015

Aceito em: 21/12/2015

¹ Jornalista; doutoranda em Comunicação (UFPE); mestre em Jornalismo (UFSC); e graduada em Comunicação Social/Jornalismo (Univali). E-mail: a_p_bandeira@yahoo.com.br.

Introdução

O *jornalismo feminino*, do modo como se manifesta desde a década de 1950, representa uma das formas de segmentação de público no jornalismo brasileiro. Direcionado inicialmente às mulheres, este tipo de produto comunicacional tem o propósito de tratar questões consideradas tipicamente femininas, como moda, beleza, educação dos filhos, sexo e carreira profissional. É um segmento do jornalismo que marca uma época, delimita o espaço temporal a partir das temáticas que aborda, por ser reflexo das transformações pelas quais passa a sociedade. Está estreitamente ligado ao contexto histórico que cria razões para seu surgimento, além de interferir em cada passo de sua evolução (BUTONI, 1990).

Por sua vez, o *jornalismo feminista*, no Brasil, possibilitou o registro da história, das causas e lutas travadas por essas mulheres, sobretudo no período que vai dos anos 1850 até a conquista do voto feminino, em 1934. A partir de meados do século XIX, o Brasil viu surgirem vários desses jornais – período, a propósito, demarcado também pelo início da participação da mulher na produção e consumo de impressos centrados em moda e ensaios literários, assuntos em torno dos quais a imprensa feminina se detinha, à época.

Objetivamos desenvolver um trabalho de cunho mais teórico e reflexivo que nos permita compreender e discutir aproximações e distanciamentos entre o jornalismo feminino e o que se denominou como jornalismo feminista, a partir do percurso histórico de ambos. Entendemos que tal abordagem do fluxo histórico nos permitirá enxergar apontamentos do que os pesquisadores falam do feminino e do feminista no jornalismo e onde os colocam.

Jornalismo feminino na história

Desde seu surgimento, em fins do século XVII e início do XVIII, o jornalismo feminino se caracterizou como um segmento jornalístico mais atento à vida, ao cotidiano e aos anseios do seu público-alvo, as mulheres (BUTONI, 1990), sem se ater à factualidade inerente ao jornalismo diário. A literatura e a moda, temas-chave dos primeiros exemplares surgidos nesse segmento, foram ganhando novos contextos e rumos, ao longo da história, até chegar ao atual jornalismo feminino, uma segmentação especificamente marcada pela abordagem de temáticas que vão da moda à beleza, passando pelo sexo, educação dos filhos e carreira profissional – sobretudo após os anos 1950, quando a imprensa dirigida à mulher se consolidou da forma como a conhecemos hoje.

Como centro dos assuntos, das histórias, das dicas e de tudo o mais que é publicado nesse segmento jornalístico, a mulher pode encontrar, nas revistas, suplementos e demais veículos destinados a ela, não só uma forma de se enxergar, mas, sobre-

tudo, maneiras de se projetar, de projetar a própria vida, o próprio corpo, a própria realidade.

A mulher no jornalismo no mundo e no Brasil

Tomando por base que a imprensa brasileira surgiu e se desenvolveu paralelo à nação, desde a transformação da colônia em Império (MARTINS, 2008), e, sobretudo, buscando compreender como a mulher aparecia na mídia no passado, como ela era tratada na imprensa dirigida a ela, à época, partimos aqui do jornalismo feminino surgido no fim do século XVII, na Europa, quando o conteúdo das publicações que nasciam era basicamente literário. A tônica da imprensa feminina, desde o seu aparecimento, no fim do século XVII e início do XVIII, é ser um jornalismo “menos preocupado” com a factualidade e mais atento à vida e ao cotidiano do seu público-alvo, as mulheres. Nas revistas e suplementos voltados ao público feminino existe sim a ligação com o factual, mas seu conteúdo não é por ele determinado.

Comparado à Europa e a outros países das Américas, os jornais feitos no Brasil surgiram mais tarde. No continente europeu já existia imprensa periódica desde o século XVII, enquanto que nas Américas a atividade surgiu no século seguinte. A experiência americana se estendeu ao Brasil. Por aqui, a atividade impressa surgiu, de forma efetiva, em 1808, com a chegada da corte portuguesa.

O mesmo aparecimento tardio, em relação ao velho continente, é observado nos impressos dirigidos às mulheres. O primeiro periódico feminino de que se tem notícia é o *Lady's Mercury*, que surgiu na Inglaterra, em 1693. Naquela época, as publicações eram basicamente compostas de conteúdo literário (PORTILHO, 2009). A moda foi aparecendo aos poucos, no século XIX. Na Europa, o país onde a imprensa feminina mais se desenvolveu foi a França, que, a propósito, inspirou o modelo de imprensa feminina no Brasil. Na verdade, não só a imprensa feminina, mas a imprensa brasileira de forma mais ampla se construía à sombra do modelo francês. O primeiro título feminino do qual há registros, naquele país, surgiu em 1758 (BUITONI, 1990).

Pensar a participação da mulher na produção de impressos no Brasil é remeter ao século XIX, ainda na primeira metade desse período. De forma geral, o consumo e a produção se davam em torno da moda e também ensaios de literatura. No Brasil, o primeiro periódico feminino de que se tem notícia é o *Espelho Diamantino*. Lançado no Rio de Janeiro, em 1827, tratava de assuntos como política, literatura, arte e moda (BUITONI, 1990; TEIXEIRA; VALÉRIO, 2008). Depois, no Recife, foi lançado *O Espelho das Brasileiras* (1831). O *Correio das Modas* veio mais tarde, em 1839, também na então capital federal². Esses títulos são pontos de referência da segmentação voltada a um “público tradicionalmente desconsiderado” (MARTINS, 2008, p. 67).

² Até abril de 1960, a capital federal do Brasil era a cidade do Rio de Janeiro (RJ), quando foi inaugurada Brasília, construída com esta finalidade.

As páginas dessa imprensa pensada para a mulher incitaram discussões tidas como tabus, a exemplo de sexo. Não se pode ignorar, contudo, a produção “açucarada” que despontava através de títulos como *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *Primavera*, entre outros impressos, que surgiam, sobretudo, em clubes recreativos e literários, demonstrando que, naquela sociedade em transição, a mulher mantinha ainda a tônica de dependente.

Em meio a esse cenário, Martins (2008) coloca a sedimentação da mulher, tanto como produtora de textos e periódicos quanto como leitora e também consumidora dos produtos anunciados na imprensa. Com isso, provocou a mobilização de todo um mercado ciente do potencial de compra do segmento feminino, sempre às voltas com a economia doméstica, com os cuidados relativos à saúde e à beleza – dela e da família –, além de trabalhos manuais.

Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil* (1966), ressalta o *Jornal do Brasil*, “pioneiro em muitos setores, tendo apresentado, em 1893, a primeira seção feminina da imprensa brasileira, a cargo de Clotilde Doyle” (SODRÉ, 1966, p. 397). Depois, com a chegada do século XX, a disseminação dessa segmentação jornalística foi se tornando notória. Desde os anos 1940, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicava às sextas-feiras uma página feminina. Na década seguinte, houve a necessidade de transformar a seção feminina em um suplemento. A partir de 1953, o *Suplemento Feminino de O Estado de S. Paulo*³ era publicado todas as sextas-feiras, em 16 páginas, quase sempre no formato tabloide.

Em 1952, *Capricho*, da Editora Abril, é lançada, abrindo caminho para a grande imprensa feminina brasileira. O conteúdo da revista era basicamente formado pela fotonovela⁴. Nos anos seguintes, a mesma Editora Abril lançou as revistas femininas *Claudia*, em 1961, e *Nova*, em 1973. *Nova* surgiu com um perfil diferente das revistas femininas, até então. Se *Claudia* fala à mulher moderna, *Nova* se dirige à mulher emancipada. Casa e filhos, eixo da maioria das publicações voltadas às mulheres, não aparecem em *Nova*, que se reporta, sobretudo, à jovem mulher “solteira ou casada com ambições profissionais e de uma certa liberação sexual” (BUIIONI, 1990, p. 50). A autora ressalta, contudo, que o ideal de valorização da mulher apregoado em *Nova* nem sempre se confirma, recaindo, muito mais, à mensagem de consumismo como remédio para os males e frustrações. Assim como as ideias de liberação sexual, que muitas vezes se colocam de forma impositiva, como a criar um padrão de comportamento a que a mulher se vê obrigada a se submeter.

3 Em 4 de dezembro de 2011, 58 anos após o início da publicação, o jornal *O Estado de S. Paulo* anunciou o encerramento do *Suplemento Feminino*, assim como de outros dois: o *Agrícola* e o *Suplemento de TV*. A justificativa do jornal para a decisão foi: “O *Suplemento Feminino* foi criado quando os jornais não ofereciam opções diversificadas de leitura. Décadas depois, diversos cadernos e seções ao longo de todo o jornal contemplam temas como design e decoração (Casa), saúde (Vida), gastronomia (Paladar), comportamento (Metrópole e Caderno 2) e orientação de consumo (seção Boulevard, no Metrôpole). É uma leitora que evoluiu e hoje é atendida em outras partes do jornal, junto com suas filhas e netas.”

4 Espécie de novela em quadrinhos, mas que conta histórias por meio de fotografias.

Jornalismo feminista, histórico de lutas

O jornalismo preocupado com as relações de poder, com a opressão, com o protagonismo político, econômico e social da mulher veio revestido, ao longo da história, com a denominação jornalismo feminista, que seguiu os passos do feminismo, movimento de libertação da mulher, cujas análises de Teles (1999) e Alves e Pitanguy (2007) nos permite defini-lo como sendo o movimento que se constrói com ações de mulheres dispostas a combater a discriminação em suas diferentes formas e superar as relações hierárquicas entre homens e mulheres, além de criar meios para que o gênero feminino seja protagonista de sua vida e história.

O jornalismo feminista seria uma extensão, uma das esferas por onde se propagou o feminismo. Ou seja, além de um movimento político organizado, o feminismo revelou-se e disseminou-se em diferentes meios, através dos quais as mulheres passaram a buscar uma reavaliação das relações interpessoais, nas quais o feminino não viesse atrelado a uma condição de menor, de desvalorização (ALVES; PINTANGUY, 2007).

No Brasil, o jornalismo feminista possibilitou a recuperação da história, das causas e lutas travadas por essas mulheres, sobretudo no período que vai dos anos 1850 até a conquista do voto feminino, em 1934. A propósito, o movimento sufragista, ainda que tenha sido independente do movimento feminista dentro de um contexto global, fez parte do feminismo por ter sido caracteristicamente uma ação de denúncia da exclusão e reivindicação da participação da mulher nas decisões políticas. Através da imprensa feminista, a campanha pelo voto feminino se disseminou e angariou apoio político.

O Movimento seguiu os passos da França no século XVIII, quando a mulher que participava ativamente, ao lado do homem, no processo revolucionário, via seu nome suprimido das conquistas políticas. Diante disso, o feminismo começou a ganhar ares de movimento organizado. E, para fortalecer o movimento, esse jornalismo que aborda as ações das mulheres é disseminado.

Os registros da participação feminina começaram a aparecer quando a própria mulher passou a escrever em revistas e periódicos dirigidos ao público feminino. Até então, muito pouco se encontrava, dentre o material histórico oficial, sobre o envolvimento das mulheres em movimentos sociais, como as lutas pela reforma agrária, pelo direito à moradia, pela incorporação dos direitos das trabalhadoras rurais e domésticas à legislação trabalhista. Conforme elucida Teles (1999), o Brasil foi o país latino-americano onde se observou maior empenho do jornalismo feminista. “No final do século XIX, despontaram as primeiras ideias feministas, abolicionistas e republicanas. A imprensa feminista da época – verdadeiro fenômeno – impressiona até hoje os estudiosos do assunto” (TELES, 1999, p. 158).

Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos

Ao longo do século XIX, o Brasil viu tanto o jornalismo feminino quanto o feminista surgirem e se disseminarem. Um, focado na vida, no cotidiano das mulheres, caracterizava-se pelo não factual e abordava temas como literatura e moda. Aos poucos, as temáticas beleza, sexo, educação dos filhos e carreira profissional foram se consolidando como assuntos em torno dos quais a imprensa feminina se detinha, à época. O *Espelho Diamantino* é o primeiro título desta natureza registrado no Brasil, com surgimento em 1827.

O outro, intitulado feminista, representava as mulheres que, assim como os homens de então, recorriam à imprensa para disseminação de ideias, ações intelectuais e atividades. Nessa categoria de imprensa, o pioneiro foi *O Jornal das Senhoras*, lançado às ruas em 1852. Ainda que tratasse da temática família com maior destaque, esse periódico fez emergir as capacidades e necessidades das mulheres, numa considerada atitude vanguardista.

Em 1862, surgiu o jornal *Belo Sexo*. Mas, foi em 1873 o surgimento do veículo mais impactante da época: o semanário *O Sexo Feminino*. Naquele fim de século XIX, a publicação se dirigia à mulher, alertando-a para que tomasse consciência de seus direitos e sua identidade. Vinha com o entendimento da defesa da independência econômica e o direito a uma educação melhor como premissas para o fim da sujeição feminina. *O Sexo Feminino* deixou de circular três anos após seu lançamento. Somente em 1889, quando já estava fechado havia 13 anos, o periódico voltou a circular com uma tiragem de 2,4 mil exemplares. Motivado pela proclamação da República, no mesmo ano do ressurgimento do jornal, *O Sexo Feminino* passou a se chamar *Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. Outras publicações engajadas nas causas femininas proliferaram. Em 1870, no Rio de Janeiro, foram lançados o *Jornal das Damas* e *O Domingo*. Em 1879, também no Rio de Janeiro, surgiu *O Eco das Damas*.

De forma geral, eram impressos caracteristicamente voltados à defesa dos direitos das mulheres à maternidade, à educação, mas também à moda e às manifestações literárias. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo hasteando a bandeira dos direitos e do crescimento intelectual da mulher, o discurso esteve sempre muito próximo a esforços com intuito de reforçar o papel da mulher enquanto mãe, esposa e dona de casa, ou seja, tratavam dos direitos e do crescimento intelectual da mulher, porém, o discurso sempre reforçou esses papéis atribuídos à mulher – característica que aproxima o jornalismo feminista de muitas das publicações do jornalismo feminino. O periódico *O Belo Sexo* é um claro exemplo dessa tendência. De 1962, o jornal era impresso com mensagens conclamando as mulheres a lutar pelo progresso nacional. Os textos, no entanto, referiam-se sempre aos filhos, ao marido, e deixavam claro que a família vinha em primeiro lugar, ainda que as mulheres ali representa-

das ansiassem por participar das questões nacionais.

Aqui, chamaremos de “caminhos paralelos” as trajetórias traçadas pela imprensa feminina e pela feminista que, em diferentes momentos da história deram voz e se comunicaram com as mulheres. Com isso, nosso intuito é não colocá-los em posição de contrastantes ou antagonistas, visto que essas duas segmentações da imprensa destinada à mulher sequer são citadas de forma dicotômica por alguns estudiosos. Evelyne Sullerot (1963 apud BUITONI, 2009) afirma que a história da imprensa feminina se desenvolve em dois planos. O dos “deveres”, no qual se encaixam as publicações femininas tradicionais; e a dos “direitos”, centrada na imprensa atenta aos direitos da mulher e que ganhou o nome de feminista. Seguindo essa premissa, Buitoni (2009) classifica a imprensa feminina do século XIX em dois grupos: o “tradicional”, que restringe a ação da mulher fora do lar, assim como valoriza as virtudes domésticas e a feminilidade, e o grupo da imprensa “progressista”, que atua na defesa dos direitos femininos.

Entendemos como prudente essa não seção da imprensa dirigida às mulheres em duas formas de jornalismo distintos, mas, sim, de uma imprensa feminina que, em dois “planos” ou dois “grupos”, segue caminhos paralelos para alcançar mulheres com interesses que podem convergir ou divergir, em diferentes momentos.

No Brasil, os segmentos feminino e feminista surgiram no século XIX e, no decorrer da história, os caminhos seguiram de forma paralela. A partir da segunda metade do século XX, ambos ganharam força. O ano de 1975 foi um divisor de águas no que se refere aos avanços das ideias feministas no Brasil. Foi quando as reivindicações e questionamentos, como igualdade de direitos e o papel submisso das mulheres, respectivamente, começaram a ganhar eco na sociedade. Houve ali o ressurgimento da imprensa feminista, que havia perdido força após a conquista do voto. O *Brasil Mulher* surgiu em 1975 abordando o feminismo de “forma tímida”. Depois, com a chegada de *Nós Mulheres* (1976/1978), as questões da mulher vieram à tona com mais força. Significou o despertar para a conscientização feminina naqueles últimos anos de período ditatorial no Brasil. “As feministas, além de possuírem suas próprias publicações, buscam espaço nos jornais para chamar atenção para reivindicações voltadas às opressões das mulheres no trabalho, em casa e nas relações sociais” (WOITOWICZ, 2009. p. 31). A autora lembra que surgiram duas vertentes do movimento: a das lutas gerais, envolvendo questões de classe; e a da emancipação das mulheres em questões específicas, como a desigualdade entre os sexos.

Paralelo a isso, no eixo feminino, a partir dos anos 1970, viu-se também uma expansão da literatura científica e ficcional a respeito da mulher, além de terem se multiplicado os jornais e, sobretudo, revistas femininas. De acordo com o Anuário Brasileiro de Propaganda, citado por Oliveira (2001), em 1960 havia 104 milhões de exemplares de revistas no Brasil. Cinco anos mais tarde, esse número havia subido para 139 milhões. Ao chegar à década de 1970, as tiragens de revistas já somavam

193 milhões.

Se não atingíramos ainda a etapa do jornal nacional, já chegáramos à da revista ilustrada nacional, que passaria a encontrar, assim, centenas de milhares de leitores. As revistas brasileiras eram, antes, lidas no centro-sul; hoje são lidas em todo o país, e isso influi nelas de tal sorte que antecipam suas datas, para permanecerem atuais em todo o território. (SODRÉ, 1966, p. 447).

Com o avançar das décadas, e em meio a essa profusão de títulos, aquela imprensa alternativa, que atua como aliada na denúncia de atos de opressão e na conscientização da luta pela igualdade de direitos, se diluiu em meio à imprensa feminina – esta sim acompanhou a tendência de segmentação e só cresceu em títulos, tiragens e, conseqüentemente, em número de leitoras. Para Buitoni (2009), a imprensa feminina moderna, aqui como na França - país que serviu de berço para este tipo de imprensa, no Brasil -, existe a partir da mistura e da herança do feminino e do feminismo.

Características do feminino e do feminista, uma proposta

Otto Groth (2011) pontua que devemos começar nossas análises pelas características do objeto. A partir desse alerta do teórico alemão, optamos aqui por reforçar as características que os fluxos históricos dos jornalismo feminino e feminista nos apresentam, com a intenção de delimitar as diferenças e aproximações que se estabelecem entre a produção jornalística feminista e a feminina. Montamos o quadro abaixo, com uma proposta explicativa, que alude ao tempo, ao espaço e a aspectos culturais e sociais da imprensa dirigida à mulher.

TRAJETÓRIA E CARACTERÍSTICAS: A NATUREZA DA IMPRENSA DIRIGIDA À MULHER		
	Feminino	Feminista
Surgimento no Brasil	Início séc. XIX	Meados sec. XIX
Foco	Vida, cotidiano, anseios, não factual, literatura, moda, beleza, sexo, educação dos filhos, carreira, serviço	Resgate histórico de lutas e causas das mulheres (como o voto, direitos trabalhistas das trabalhadoras rurais e domésticas), educação, intelectualidade
Alguns exemplos dos primeiros periódicos, no séc. XIX	Espelho Diamantino, O Correio das Moças, O Espelho Fluminense, Revista Feminina	Jornal das Damas, O Domingo, O sexo feminino
Temas abordados	Literatura e moda são a tônica inicial dos impressos. Beleza, sexo, carreira profissional, família consolidam-se como temáticas das publicações	Ainda que focado nos direitos e crescimento intelectual da mulher, o discurso reforça o papel da mulher enquanto mãe, esposa e dona de casa

Enquadramentos de Dulcília Buitoni e Evelyne Sullerot, com base em propósitos, objetivos dessas publicações	Tradicional (BUITONI) Plano dos “deveres” (SULLEROT)	Progressista (BUITONI) Plano dos “direitos” (SULLEROT)
Desenvolvimento	Ganha força a partir da segunda metade do século XX, com a profusão de títulos, tiragem e abrangência em território nacional	Se fortalece a partir dos anos 1970, após um período apagado, que se estendia desde a conquista do voto, na década de 1930. A luta por igualdade dos direitos impulsionou o retorno
A destinação a mulheres cujos interesses convergem e divergem, em diferentes pontos, e a mistura entre os dois polos da imprensa feminina deu origem ao que se convencionou chamar de imprensa moderna.		

Algumas considerações

Neste trabalho, nosso intuito foi mostrar e verificar possíveis características que aproximam e distanciam o jornalismo feminino e o feminista. Trabalhamos, aqui, com o percurso de ambos. A partir do fluxo histórico, traçamos algumas linhas onde eles convergem. E pudemos visualizar aproximações entre esses universos que, antes de mais nada, dirigem-se a um abrangente público de mulheres.

O jornalismo feminista, uma vez que ligado ao comportamento das feministas, é identificado pelo destinatário como aquele política e socialmente engajado na busca de direitos e contestação do papel atribuído à mulher na sociedade. Ao passo que o jornalismo feminino vem pré-concebido como um segmento jornalístico mais atento à vida, ao cotidiano e aos anseios das mulheres (BUITONI, 1990), mas de mulheres “tradicionais”, inseridas e adeptas em suas condições de esposa, mãe, dona de casa ou profissional que se divide entre o lar e o trabalho.

À mulher apresentada nesse tipo de publicação, Edgar Morin (1997) chama de “modelo identificador”, pois é nela, nesse modelo de fêmea que aparece impresso nas publicações, que a mulher leitora, consumidora do produto “imprensa feminina”, se inspira ou se identifica. Enquanto Maingueneau (2006) salienta a construção de identidade. Para o pesquisador, cada tomada de palavra implica ao mesmo tempo levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro, e a estratégia de fala de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele uma certa identidade.

Consideramos a ocorrência do ato de seccionar o jornalismo feminino e o feminista, a despeito de ambos referirem-se a públicos que muitas vezes convergem – e não unicamente por uma questão de gênero, mas também por conta de interesses, experiências de vida e visões de mundo.

Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BUITONI, Dulcília. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Mulher de Papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-80.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**: O espírito do tempo 1 - neurose. Tradução de Maura Ribeira Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. **As páginas da beleza...** As representações sobre a beleza feminina na imprensa (1960-1980). Dissertação de mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História – UFSC. Florianópolis: 2001.

PORTILHO, Raquel. Onde está o jornalismo? Uma análise da imprensa feminina a partir de CLAUDIA (1961 e 1968). 2009. In: XXXII Congresso Brasileiro de ciências da comunicação, Intercom, n. 32, 2009, Curitiba-PR, **Anais...** Curitiba: Positivo (cd-room), 14p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1966.

TEIXEIRA, Nírcia Ribas Borges; VALÉRIO, Maristela. A “nova” mulher: o estereótipo feminino representado na revista Nova/Cosmopolitan. In: **Verso e Reverso**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, ano 22, n. 49, abr. 2008.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

WOITOWICZ, Karina Janz (org). **Recortes da mídia alternativa** – Histórias & Memórias da comunicação no Brasil. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.